

UMA BIOGRAFIA DE  
**MARIO QUINTANA**

**O PASSARINHO  
DO  
CONTRV**

**GUSTAVO GRANDINETTI**

**TORDSILHAS**

Rio de Janeiro, 2024

# Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Prefácio   | xi  |
| Apresentação   | xv  |
| 1. Um homem sem reversos   | 1   |
| 2. O espaço: Alegrete  | 11  |
| 3. O tempo: 1906   | 17  |
| 4. Uma família burguesa e maragata   | 27  |
| 5. Um menino de aquário  | 39  |
| 6. O cadete vira poeta   | 45  |
| 7. O jovem poeta pega em armas   | 57  |
| 8. Entre ser agravante, atenuante ou credencial                              | 73  |
| 9. A fama e as frustrações   | 117 |
| 10. Em busca dos reversos  | 145 |
| 11. Quando o juiz consulta o relógio e as<br>arquivadas já vão se esvaziando | 203 |
| 12. Quem foi Mario de Miranda Quintana?                                      | 213 |
| Bibliografia   | 227 |
| Índice   | 237 |

# Prefácio

*Caro Gustavo Grandinetti*

Li sua biografia sobre Mario Quintana com a atenção devida a uma pesquisa *tão cuidadosa e tão documentada*. Confesso-lhe que não a imaginava tão ampla, nem tão minuciosa.

Admirei-me, principalmente, por você ter ido diretamente às fontes originais, algumas de difícil acesso. Admiro-me de as ter analisado com simpatia, porém, sempre com espírito crítico. Algumas – diria muitas – dessas informações não estavam divulgadas. Eram mantidas em sigilo ou, ao menos, em discreto silêncio.

Felicito você por não ter poupado esforços para certificar-se do que efetivamente aconteceu em determinados episódios da vida do poeta.

Fiquei impressionado com as informações que você obteve sobre a família de Quintana, em especial, sobre um de seus avôs, o capitão-médico Cândido Mariano de Oliveira Quintana, um dos heróis da *Retirada da Laguna*, que o Visconde de Taunay imortalizou em seu livro.

Seria exagero tentar comentar todos os trechos de sua biografia que me impressionaram por sua abordagem serena, de uma honestidade inulgar, até mesmo se preocupando em revelar aos leitores sua atitude perante o trabalho:

O trabalho foi realizado com muita reverência e respeito à privacidade do poeta e de seus amigos, e apoiado em documentos. (...) Na verdade, não encontramos nada que seja um grave incômodo, nada que não esteja dentro da normalidade da vida de um verdadeiro gênio das palavras.

Comento, por assim dizer, informalmente, o que mais me impressionou e agradou em sua biografia. Haveria outros capítulos e parágrafos que mereceriam também ser comentados. Estão à mesma altura, ou quase, dos trechos que citarei. Antes de mencionar pontos específicos, destaco seu esforço por *contextualizar* as épocas de vida do poeta, seus diferentes períodos de inovações ideológicas, políticas e sociológicas, de modo a fornecer aos leitores “molduras de compreensão”, à maneira de quadros ilustrativos do momento histórico. O leitor fica conhecendo aspectos interessantes sobre Alegrete, a cidade em que o poeta nasceu, e acaba “visitando” – como você fez pessoalmente – locais sugestivos, como o ambiente em que ele nasceu e se criou. Qual leitor brasileiro, mesmo culto, saberia definir um “maragato” ou um “chimango”, grupos de revolucionários comandados na Revolução de 1923, respectivamente, pelo general Honório Lemes e pelo general Flores da Cunha? Tudo isso tem relevância quando se recorda uma afirmação do próprio poeta: “Naquele tempo, já se nascia maragato”. Mesmo admitindo que os leitores tenham uma ideia genérica sobre o Modernismo, você fez bem em explicar-lhes o que foi o Modernismo no Rio Grande do Sul.

Creio que você trouxe subsídios esclarecedores notáveis nos seguintes trechos de seu trabalho:

### **I. Nas páginas sobre *Solteirice, amores, mulheres***

Felicitoo por ser objetivo, respeitoso, diria, de uma admirável precisão no tocante aos fatos. Sua *finesse* nessa temática me encantou. Demonstrou uma vontade implícita e explícita de não faltar à verdade, e também de não “esticá-la”, de não a puxar para nenhum dos lados como, por vezes, tentam os biógrafos, ávidos de hipóteses interpretativas.

### **II. Nas páginas sobre *O ser social e político***

Tema que, na vida de Quintana, sempre ficou envolto numa sorte de nebulosidade; no entanto, você tratou-o com imparcialidade. Forneceu subsídios aos leitores para uma aproximação mais cautelosa da realidade biográfica.

### **III. Nas páginas sobre *A fama e as frustrações***

Nada a objetar. Ao contrário, texto excelente!

### **IV. Nas páginas sobre as *Correspondências***

Uma surpresa para mim. Os leitores de Quintana vão agradecer-lhe por trazer a “intimidade” do poeta e de suas amigas. Há nesta seção momentos de poesia e humor.

### **V. Nas páginas sobre *As derrotas nas eleições para a Academia Brasileira de Letras***

A melhor coisa que li a respeito: uma seleção de cartas e depoimentos de alto nível que procuram explicar uma rejeição tão catastrófica! Só sei de outra catástrofe pior que a dele: a de Jorge de Lima, que tentou quatro vezes o ingresso na Academia de Letras! Tais fatos atingem, indiretamente, a memória de insignes vultos literários de nossa história, como Machado de Assis, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Cabral de Melo Neto. É evidente que eles não tiveram nenhuma influência retrospectiva em semelhante rejeição! Mas o fato de pertencerem a tal sodalício poderia tê-los entristecido, imaginando-os a conversarem entre si no além-túmulo!

### **VI. Nas páginas sobre *A celeuma sobre a entrevista ao Canal Livre da TV Bandeirantes***

O episódio não foi muito divulgado no Rio Grande do Sul. Penso que Quintana não tinha condições psicológicas para enfrentar um debate televisivo desse tipo, no qual as perguntas, segundo os entrevistadores, *nunca são indiscretas*. Os jornalistas, ao que parece, só consideram *indiscretas as respostas dos entrevistados*! A ressalva maliciosa não é de minha autoria.

## VII. Nas páginas sobre os *Elementos das obras*

Gostei muito de sua abordagem: pessoal, lírica, ampla, com seleção de sugestivos poemas de apoio.

Destacaria, igualmente, os temas dos três capítulos finais:

- Sobre a obra;
- Sobre o envelhecimento e a morte;
- Quem foi Mario de Miranda Quintana.

Meu caro Grandinetti, sua biografia é um sucesso! E tenho certeza de que será lida como um romance. Seu texto possui verve, riqueza de pontos de vista, abundância de citações oportunas e variedade de subsídios.

Aprecio seu estilo de escritor: é ágil e até sedutor!

No que me diz respeito, fiz duas leituras de seu trabalho: a inicial, de forma dinâmica, e a segunda, mais pausada e reflexiva.

Penso que você fará um favor à Cultura Brasileira publicando essa vida e obra de Quintana. Os que tiverem a curiosidade – e a felicidade – de lerem sua biografia, amarão o poeta e – mais do que isso – talvez tenham a felicidade de amarem a poesia, o que pode fazê-los mais felizes.

Armindo Trevisan, escritor, doutor em Filosofia,  
professor aposentado da UFRGS

# Apresentação

*O contador de histórias*<sup>1</sup>

Tudo que sei, não sei sozinho

Palavra por palavra – cantou

um passarinho...

ESTE LIVRO FOI escrito na terceira pessoa do plural. Há, nisso, uma simbologia: todos os leitores e admiradores de Mario Quintana sabem um pouco sobre sua vida, seu cotidiano, suas poesias, seus bons e maus humores... são todos seus biógrafos. Se não escreveram a biografia dele, é porque são biógrafos *inéditos* que se esqueceram *de escrever*<sup>2</sup>.

E ele também construiu um pouquinho da biografia dos seus leitores e admiradores. Porque não há como sair imune de suas poesias: são um *soco na alma*<sup>3</sup>, ainda que não se perceba o golpe, ainda que a leveza e o humor de suas palavras o embalem como um bombom de licor e o iluminem com *a mágica presença das estrelas*<sup>4</sup>.

Nem a sua cidade adotiva escapou de seu toque de anjo depois que ele mandou aquela *nuvenzinha que está sonhando, agora, em pleno azul*<sup>5</sup>, *porque os anjos dão tudo de si sem jamais se despirem de nada*<sup>6</sup>.

Mas não é que *o destino abusou, de fato, de seu direito de cometer absurdos*<sup>7</sup> e pregou no poeta uma peça? Mandou-lhe um biógrafo que nada sabe, em primeira mão, de sua vida e teve que ficar perguntando a

1 Autoria do biógrafo.

2 ...É apenas um poeta inédito/ Que se esqueceu de escrever..., *Batalhão das letras*.

3 Capricho e cautela, *Da preguiça como método de trabalho*.

4 Das utopias, *Espelho mágico*.

5 Carta, *A cor do invisível*.

6 If, *Apontamentos de história sobrenatural*.

7 A sétima personagem, *Da preguiça como método de trabalho*.

quem sabe. E ainda por cima não é porto-alegrense, nem sequer gaúcho. Um carioca!

Um mistério! Mas, Poeta, a poesia não é o *mistério evidente... que traz sempre o imprevisível*<sup>8</sup>?

O evidente é que Mario Quintana saiu de Alegrete e de Porto Alegre para conquistar brasileiros em todos os cantos do país com suas *armadilhas imprevistas*<sup>9</sup>. E aqui estamos nós contando algumas delas.

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 2023.

Amostra

---

8 Poesia, *Porta giratória*.

9 O apanhador de poemas, *Da preguiça como método de trabalho*.

# 1.

## Um homem sem reversos

*“30 de julho de 1906, Alegrete.”*

FOI ASSIM QUE o poeta Mario de Miranda Quintana respondeu quando Nelson da Lenita Fachinelli, do *Jornal de Letras*, indagou-o como ele iniciaria uma autobiografia, em agosto de 1976.

Como se sabe, a autobiografia não foi escrita. E, conhecendo o poeta, dificilmente ele a escreveria. Quintana gostava de se expor através de seus poemas, e não por narrativas de sua vida pessoal, as quais evitava. Mais de uma vez ele se recusou a ser exposto além do que sua poesia já o expunha. Certa vez, comentou: “Não gosto de estar em evidência, de estar sendo exibido, o poeta não é essa coisa saltitante que chamam de relações públicas. O poeta é relações íntimas”. E complementou: “Creio que a minha vida íntima nem a mim interessa. Quando a gente fala sobre si mesmo é para se gabar ou para se queixar. No primeiro caso, ainda passa. Mas, no segundo, ninguém gosta de despertar piedade”. Em outra ocasião, ele pontuou: “Tudo o que um poeta tem a dizer está nos seus poemas”.

Ele também resistia a dar entrevistas:

Uma entrevista é feita de muitas perguntas e por isso ela parece um interrogatório. A gente tem a impressão de que está sendo julgado, que está dando satisfações. Acho a entrevista uma conversa pouco natural. Sempre duram demais e tiram – ou procuram tirar – tudo do camarada... Acho desnecessário que o poeta se explique, parece que está se des-

culpando. Os que gostam dos versos de determinado poeta e da poesia em geral, esses não precisam de explicação. Quanto aos outros, os que não gostam de poesia, não adianta explicar.

Para uma jornalista, ele disse: “Vocês vivem perguntando tudo sobre tudo e isso às vezes me aborrece. Escreves o que quiseres, podes até inventar, que é melhor do que eu ficar sofrendo um interrogatório”.

Certa vez, solicitado a dar detalhes pessoais de sua vida, ele respondeu com um texto manuscrito em seis laudas – sem detalhes pessoais – acompanhado de algumas crônicas do *Caderno H* e explicou: “Eu não tenho reversos, só versos”.

Além disso, Mario demonstrou uma certa descrença nas biografias dos grandes vultos, porque considerava que elas davam mais importância ao aspecto externo: “As biografias dos grandes homens são feitas de absurdos, estão cheias de acontecimentos incômodos que atravancam tudo. A vida deles lhes acontece de fora para dentro...”.<sup>1</sup> Ele escreveu isso no *Caderno H*, seu livro de prosas poéticas curtas e diretas, máximas da experiência, onde o poeta se despiu da transfiguração dos poemas, das entrelinhas enigmáticas.

Do mesmo modo, o poeta jamais escreveria um livro de memórias. Ele mesmo o disse em entrevista:

Se você conhecesse o meu eletroencefalograma... Bem, temo o perigo das falsas recordações. Embora não acredite na observação direta, acontece que tenho tal poder de visualização que às vezes não sei se aquilo que evoco eu vi mesmo ou foi algo que me contaram, ou apenas imaginei. Mas há muito descobri que a mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer. Como vê, nada disto leva a um livro de memórias, só pode levar a um livro de poemas.

Na mesma resposta, ele citou uma poesia<sup>2</sup> sua para se explicar melhor:

O poema,  
Essa estranha máscara,  
Mais verdadeira do que a própria face...

1 Heróis, *Caderno H*.

2 O poema, *A cor do invisível*.

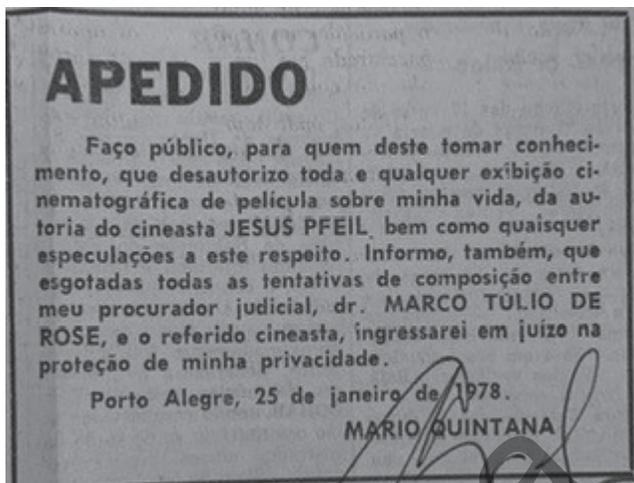
Em outra entrevista ele decretou: “Umás coisas me aconteceram. Umás boas, outras más – essas eu não digo”.

Para quem acredita que seus poemas dizem tudo o que é preciso dizer, uma biografia não faz sentido mesmo. Ele considerava a sua dispensabilidade: “A minha biografia está implícita nos meus poemas. Toda confissão não transfigurada pela arte é uma falta de linha, uma presunção. O que é que os outros têm a ver com isso?”.

Enfim, o poeta era cioso de sua privacidade. Não desejava compartilhá-la com ninguém. Irritava-se quando percebia que as perguntas que lhe eram feitas nas entrevistas caminhavam para invadi-la. Só pretendia se mostrar em forma de versos.

Um episódio marca muito bem isso. Certa vez, em julho de 1976, o cineasta Antônio Jesus Pfeil procurou-o no Hotel Majestic e solicitou uma entrevista, filmada, sob suposta encomenda da TV Guaíba. Mario concedeu a entrevista, enquanto era filmado. Em dado momento, Pfeil pediu autorização para filmar o interior do seu quarto, o que foi negado. Então a entrevista prosseguiu, sendo que o cineasta e o poeta caminharam juntos em direção ao *Correio do Povo*, onde Quintana trabalhava. No meio do trajeto, o cineasta alegou que esquecera algo na recepção do hotel, despediu-se do poeta e disse que teria de retornar para buscá-lo. Mario Quintana intuiu algo de errado e voltou minutos após, surpreendendo o cineasta em seu quarto, fazendo a filmagem – ele conseguira convencer uma camareira do hotel a abrir a porta do quarto para ele. Imediatamente, Quintana pediu a suspensão da filmagem e que o material filmado não fosse divulgado, em respeito à sua privacidade e vontade, no que teria sido, aparentemente, atendido.

Tempos depois, ao receber um exemplar da revista do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, tomou conhecimento que o filme de Pfeil estava praticamente pronto e seria exibido no Festival de Cinema de Gramado, com o título *O último reduto da minha virgindade*. Não conseguindo contato com o cineasta, o poeta teve de ingressar com uma ação cautelar de sequestro visando a apreensão do filme e a proibição de sua publicidade. Antes, porém, ele publicou a seguinte nota pública no *Correio do Povo*, em 25/01/1978, desautorizando a filmagem do cineasta:



O juiz deferiu uma liminar determinando a apreensão do filme e uma multa diária caso não fosse entregue, mas o cineasta dificultou bastante seu cumprimento, viajando constantemente para não ser citado/intimado. Finalmente, houve um acordo em 27/02/1978, pelo qual o cineasta se comprometia a devolver parte da fita gravada no quarto de Quintana, pagar as custas processuais e não usar o título do filme ou outro similar.

A história também foi contada, posteriormente, pelo próprio cineasta, em entrevista encontrada no YouTube, gravada em 2004, intitulada “Jesus, o Verdadeiro”, na qual ele atribui o título do filme – *O último reduto da minha virgindade* – ao próprio Mario Quintana, quando recusou que a filmagem fosse feita no interior de seu quarto.

O episódio revela o quanto o poeta preservava a sua intimidade, que somente era descortinada, se mediada em forma de versos. Ora, quem tem uma personalidade assim jamais escreveria uma autobiografia, nem um livro de memórias.

No entanto – e surpreendentemente – ele teria indicado uma pessoa para biografá-lo. Sua sobrinha-neta, Elena Quintana de Oliveira, que o assessorou de 1980 até sua morte e foi a sua herdeira, escreveu uma carta, sem data, para a Fundação Vitae, na qual atesta que o poeta gostaria que sua biografia fosse escrita por Eloí Calage, que se tornou uma das pessoas mais próximas dele e com quem ele compartilhava a sua intimidade.

Eloí Calage também era de Alegrete. Fora estagiária no *Correio do Povo*, onde conheceu o poeta, e depois trabalhara como jornalista no *Correio da Manhã* e na TV Globo (onde contribuiu para a série “Caso Verdade”), estes últimos no Rio de Janeiro. Depois, foi professora em uma universidade em Goiânia. Ela foi, realmente, muito próxima de Mario, o qual lhe dedicou, pelo menos, dois de seus poemas<sup>3</sup>.

Posteriormente, Eloí Calage escreveu outra carta para Elena relatando que Mario lhe dera um livreto de capa preta contendo metade de sua biografia, como se confirmasse não só a indicação dela para escrever a biografia, mas, o mais importante, o recebimento de informações relevantes e até confessionais que deveriam nela constar.

Ruy Carlos Ostermann, do *Zero Hora*, escreveu um artigo quando o poeta já estava muito doente e não saía mais do quarto, dizendo que a equipe da Casa de Cultura Mario Quintana, preocupada com a sua saúde, teria promovido uma visita de Eloí para animá-lo, trazendo-a de Goiânia. Na mesma matéria, Ruy divulgou uma carta atribuída a Eloí, na qual ela teria esclarecido que o tal livro preto era, na verdade, *Orlando: uma biografia*, de Virginia Woolf, romance de 1928 com tradução e nota de Cecília Meireles, baseado supostamente na vida da amante de Virginia Woolf, Vita Sackville-West. E fica a pergunta: por que o poeta teria dito que em *Orlando* estaria metade de sua biografia?

Trata-se de uma obra riquíssima, complexa, desafiadora, inovadora, satírica e, em certo sentido, surreal, que, entretanto, não poderá ser analisada aqui, pois fugiria ao escopo desta biografia. Aqui basta dizer que Virginia Woolf pretendeu traçar uma suposta biografia do personagem principal, Orlando, que, na verdade, era a sua amiga íntima e amante Vita Sackville-West. A obra não somente é dedicada a ela, mas a própria Virginia escreveu a Vita, em 9/10/1927, declarando abertamente que Orlando era Vita, e o livro foi considerado uma carta de amor de Virginia para Vita, que por sua vez já havia se declarado apaixonada por Woolf.

Cremos, no entanto, que não foi a história do romance entre Woolf e Vita o motivo pelo qual Quintana indicou a obra a Eloí, mas sim um dos eixos da obra: Woolf traça uma verdadeira teoria da biografia, que, ao que tudo indica, o poeta gostaria que a sua biógrafa seguisse. As regras

3 Cronologia, em *Apontamentos de história sobrenatural e Lembra-te, em A cor do invisível*.

traçadas por Woolf são: observar o dever da verdade, da franqueza e da honestidade; não ter a pretensão de descrever toda a vida do biografado, pois todas as pessoas têm uma multiplicidade de “eus”; ater-se a documentos particulares e históricos que permitam cumprir o primeiro dever do biógrafo – seguir as pegadas indeléveis da verdade; quando não houver tais documentos, relatar os fatos tal como são conhecidos e deixar que o leitor os entenda como quiser; a biografia não deve se limitar a ser cronológica.

Para além do que interessa diretamente esta biografia, ressaltamos uma grande afinidade entre os traços de personalidade de Orlando e Quintana, como o temperamento taciturno, o método para escrever poesia, o apreço por pessoas que viviam no submundo – entre eles os marginalizados, bêbados e prostitutas –, a necessidade de solidão para escrever poesia, a confluência sincronizada entre idades diferentes na mesma pessoa e a confluência entre os temas de Woolf e os de Quintana, como o tempo, a vida e a morte.

Certamente o leitor ficará curioso sobre um outro eixo de *Orlando*: o da ambiguidade sexual, ou melhor, da assunção de uma outra sexualidade, tão presente na obra quanto na autora Virginia Woolf, como no personagem Orlando e na musa que o inspirou, Vita Sackville-West. Seguindo a recomendação de Woolf de não fugir dos possíveis temas incômodos da vida do biografado, cremos que, nesse aspecto sexual, *Orlando* não foi o motivo principal que chamou a atenção de Quintana. Não há qualquer documento ou depoimento que aponte para qualquer orientação sexual diversa da sexualidade biológica de Quintana. Ao contrário, no capítulo 8, trataremos mais detidamente da solteirice e dos amores do poeta, apoiados em documentos.

Somente em certo sentido a palavra ambiguidade pode ter significação para o poeta: a ambiguidade natural dos seres humanos, indicando que a sua biografia deveria descrever apenas alguns “eus” dele, mas não toda a sua personalidade.

Terminado esse parêntese, é preciso reconhecer com humildade que ninguém terá a resposta definitiva sobre o motivo pelo qual teria encomendado essa obra a Eloí, a não ser ele próprio.

No entanto, apesar da indicação de Eloí como biógrafa, ela acabou declinando da missão. Algum tempo depois, Eloí escreveu a Mario Quin-

tana para dizer que não concluiria o projeto porque Tania Franco Carvalhal, professora de Literatura da UFRGS e fundadora da Associação Brasileira de Literatura Comparada, já estaria com muito material para escrevê-la, pois era uma de suas prefaciadoras mais frequentes.

Por fim, Eloí Calage faleceu por problemas intestinais em 2005, após um AVC anterior; Tania Carvalhal morreu em 2006 e Elena Quintana de Oliveira faleceu em 2019 de enfisema pulmonar. Assim, nenhuma delas pôde publicar a biografia de Mario Quintana e nem ele a sua autobiografia.

Resta dizer que Tania Carvalhal participou do álbum *Quintana dos 8 aos 80*. Esta obra contém textos dela sobre o poeta, fotografias de Liana Neves, desenhos de Liana Timm e ilustrações de Marilena Gonçalves, porém não se trata de uma biografia.

## Por que uma biografia?

Se o poeta não escreveu nem jamais escreveria sua autobiografia, por que uma pessoa fora de seu círculo de amigos se atreveria a escrever uma biografia à revelia dele? Atrevemo-nos a contribuir para a preservação da memória do que significou a vida de Mario Quintana, um dos maiores poetas brasileiros.

Ademais, atribuem ao poeta ter dito que “ainda teria a sua *imortalidadezinha*”. Ele disse que já estava tendo uma *imortalidadezinha* com a venda de seus livros, mas não sabia até quando ela duraria: “Felizmente estou na moda agora. Mas não sei quanto vai durar essa minha *imortalidadezinha*”.

A presente biografia é uma singela contribuição para a sua devida e grandiosa *imortalidadezinha*. Embora não exista, até agora, uma biografia definitiva do poeta, existem vários bons livros parcelares, textos esparsos, entrevistas, seu acervo pessoal, depoimentos de amigos, que aguardam uma consolidação para unificar esse grande acervo, de modo a facilitar o acesso ao público.

O fato de não termos feito parte do seu círculo de amigos apresenta vantagens e desvantagens. Essas constituem uma dificuldade maior na apuração de informações, pois fica mais difícil obter as pistas que ele

poderia fornecer de modo mais simples e direto, bem como as correções de rumo. As vantagens decorrem da distância temporal, necessária para analisar o passado, e da equidistância emocional do biógrafo em relação ao biografado. Com efeito, não ter sido amigo do poeta contribui para uma visão mais isenta do material reunido.

No entanto, as dificuldades foram muitas. O fato de Quintana não ter deixado descendência direta que pudesse dar detalhes da sua intimidade, aliado ao falecimento de muitas pessoas, desde os amigos da juventude, do tempo de boemia, até aquelas mais próximas na sua velhice, foram grandes obstáculos. Com certeza, muita informação se perdeu, mas devemos nos resignar em não poder descrever todos os “eus” do poeta, mas, tão somente, os “eus” que remanesceram disponíveis.

O trabalho foi realizado com muita reverência e respeito à privacidade do poeta e seus amigos, e apoiado em documentos. Sobre ele, houve e há muitas versões não comprovadas, mas devemos valorizar o que puder ser documentalmente comprovado. Nada de acontecimentos incômodos “que atravancam tudo”. A intenção não é ocultá-los do público, por consideração ao poeta. Na verdade, não encontramos nada que seja um grave incômodo, nada que não esteja dentro da normalidade da vida de um verdadeiro gênio das palavras.

Seguindo a sua vontade, a biografia partirá de dois elementos estruturais que ele mencionou na entrevista: a data e o local. Esses serão mantidos, respeitando o seu desejo. Nossas primeiras investigações, portanto, serão sobre a importância desses dois elementos na vida e, possivelmente, na obra do autor. Para fazê-lo, teremos de retroceder um pouco. E para fins de melhor compreensão, vamos invertê-los: primeiro trataremos do espaço e depois do tempo.

Antes, porém, duas advertências importantes: citaremos os poemas de Quintana ao longo desse livro para representar seu pensamento sobre variados temas, mesmo sabendo que o eu poético, ou o eu lírico, ou o sujeito do poema, não coincide necessariamente com o poeta autor. Ele mesmo disse que o poeta não precisa sentir tudo o que escreve. E ainda se deve levar em conta um traço de sua personalidade, segundo o qual nada que dizia podia ser interpretado literalmente. Para tudo que falava, havia entrelinhas e muitas reticências.

No entanto, em se tratando dele, essa distância entre o poeta e a pessoa diminui consideravelmente quando se combina sua poesia com sua prosa, suas entrevistas e os depoimentos dos amigos que o conheciam bem. Ele mesmo dizia que nunca escreveu nada que não fosse absolutamente ele mesmo e repetiu isso num livro em 1987: “...meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão”<sup>4</sup>. Em “Poesia”<sup>5</sup>, repetiu com outras palavras: “Se eu conheço algum segredo é o da sinceridade, não escrevo uma vírgula que não seja confessional”. Em “Esses retratistas”<sup>6</sup>, disse: “Tudo é autorretrato e autobiografia”. Por isso, recorreremos aos seus escritos para entender sua personalidade.

O segundo alerta é que faremos citações somente parciais dos textos de Quintana, para respeitar os direitos autorais da obra, correndo o risco de sua crítica às citações parciais: “Não seria lícito isolar uma imagem do poema a que pertence e apresentá-la sozinha no meio do palco”<sup>7</sup>. Contudo, ele fez isso no mesmo texto ao citar um trecho do poema de Armando da Silva Carvalho. Portanto, pedimos essa licença de fazê-lo, mas não o deixaremos “sozinho no meio do palco”, ao contrário, faremos de forma contextualizada.

Assim, com todo respeito, dá licença, poeta?

---

4 Apresentação, *Da preguiça como método de trabalho*.

5 *Porta giratória*.

6 *Porta giratória*.

7 A mesa, *Porta giratória*.